

# A Mesquita/ Igreja Matriz de Mértola

SANTIAGO MACIAS

MARIA DE FÁTIMA ROMBOUS DE BARROS

SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ

## A mesquita

Erguida na fase de afirmação do poder almóada, e provavelmente contemporânea da data de construção de uma parte significativa do bairro islâmico da alcáçova, situado nas imediações, a Mesquita de Mértola é atribuível à segunda metade do século XII, tendo sido provavelmente construída no derradeiro quartel daquela centúria.

No desenho de Duarte de Armas, realizado nos inícios de Quinhentos, onde figura já como igreja, é ainda perfeitamente legível a sua estrutura, que seria a de um templo de cinco naves, em que cada uma era coberta por um telhado de duas águas (fig. 1). Porém, atualmente, deste edifício, restam, apenas os muros exteriores de alvenaria e quatro pequenas portas (três abertas ao antigo pátio e uma outra ao exterior) inscritas em arcos de ferradura, levemente peraltados, e emoldurados por alfiz.

Ostenta uma planta quase quadrangular, com cerca de 300 m<sup>2</sup>, cuja falta de simetria deriva da utilização dos alicerces de muros preexistentes. A construção atual da igreja matriz tem cinco naves, tantas quantas tinha a mesquita. Porém, o número de tramos foi reduzido dos seis iniciais (fig. 2), ainda presentes aquando da *Visitação* de 1515<sup>1</sup>, para os atuais quatro. É provável que, com exceção do corredor mais largo que se estende fronteiro à *qibla*, cada um dos tramos não excedesse os 3 metros de largura. Uma pequena floresta de vinte colunas preenchia, assim, o espaço interno do templo muçulmano (fig. 3). À maior largura da nave central corresponderia também, no exterior, um telhado ligeiramente mais elevado. A altura original dos muros rondava os 5,50 metros, como se pode ainda constatar nos alçados sudeste e nordeste, onde um pequeno ressalto marca, nesses dois muros, o topo da parede primitiva, posteriormente alteada com a construção da abóbada em meados do século XVI (fig. 4), numa intervenção



1 | A Mesquita de Mértola, in *Livro das Fortalezas*, Duarte de Armas, 1509, pormenor. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

que implicou o reforço global da igreja e a construção de novos contrafortes, que vieram substituir os da época almóada (fig. 5).

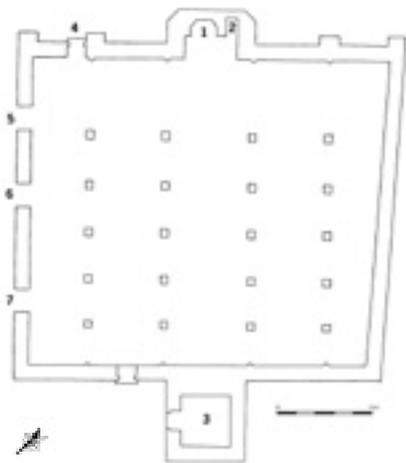
A existência de duas naves de maiores dimensões em relação às restantes criava uma zona bem mar-

## The Mosque/Mother Church of Mértola

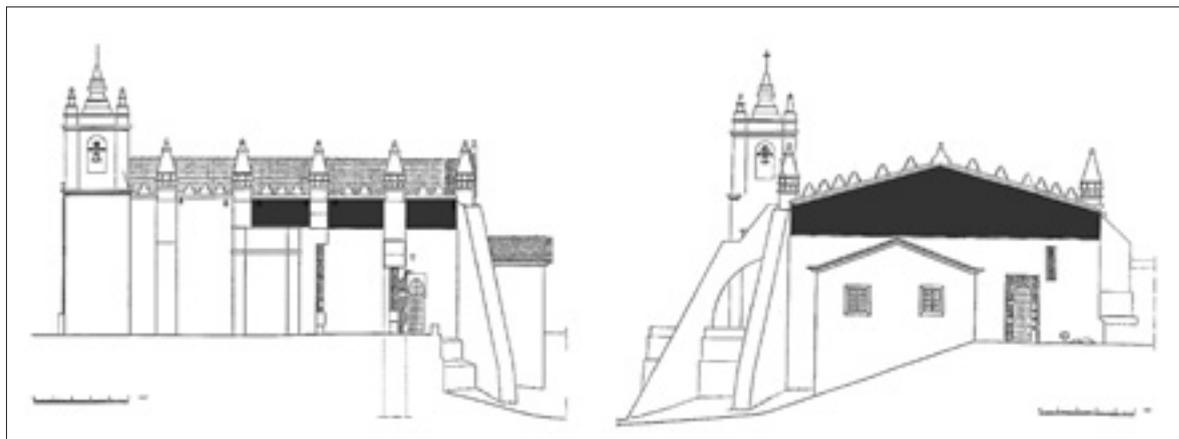
*A church that was a mosque* — this annotation that Duarte de Armas uses to identify the Mother Church of Mértola is a reflection of one of this building's dominant traits, the historical reading and interpretation of which is attempted in this article. It begins with an analysis of the mosque built during the phase of affirmation of Almohad power, then covers the interventions after its consecration to Saint Mary, and finally present the results of the recent archaeological intervention, which revealed the foundations of a structure preceding the Almohad temple that has yet to be decoded.

2 | Mértola, proposta de reconstituição da planta da mesquita, executada por Santiago Macias, 2005

1. Mihrāb
2. Minbar
3. Minarete
4. Porta da qibla
- 5, 6, 7. Portas do *ṣaḥn*



3 | Mértola, proposta de reconstituição do interior da mesquita, executada por Bernardo Pimentel.



4 | Mértola, mesquita, alteamento dos alçados lateral direito e posterior (século XVI).

5 | Mértola, mesquita, contraforte almóada (alçado sudeste).



cada no interior da mesquita, facilmente identificável pela sua planta em “T”. Esta forma de organização do espaço, também presente em *Kairouan*, Argel, Córdova, *Tinmal* e Marraquexe<sup>2</sup>, situa bem o templo de Mértola no contexto da arte islâmica ocidental.



6 | Mértola, mesquita, fachada posterior, fotografia de autor desconhecido, 1953.

Os trabalhos de restauro da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), nos anos cinquenta do século XX, puseram a descoberto quatro portas de arco em ferradura. Três delas situam-se no muro nordeste e dariam acesso à sala de oração a partir do pátio ou *ṣaḥn*. Apresentam uma moldura em tijolo (atualmente à vista, mas que originalmente seria rebocada e caiada), que se destaca do enquadramento em alfiz. Nas jambas foram, por vezes, incorporados blocos de granito que parecem ser contemporâneos da obra almóada. Uma quarta porta, também de arco em ferradura, abre-se no muro da *qibla*. Apresenta-se igualmente enquadrada por um alfiz, conservando ainda os saiméis de suporte do arco.

## O mihrāb

Durante muitos séculos escondido sob uma camada de reboco, o *mihrāb* da Mesquita de Mértola foi desentapado durante a campanha de restauro levada a cabo no final da década de quarenta do século XX. Encontrava-se articulado em três zonas diferenciadas: um soco liso, uma arcaria cega e a cúpula (semi-calota). O *mihrāb* apresenta uma planta em forma de meio octógono e está coberto por uma abóbada em quarto de esfera executada com fiadas horizontais de tijoleira<sup>3</sup>.

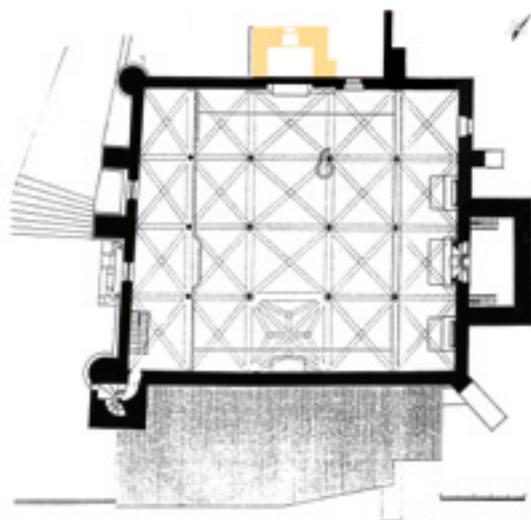
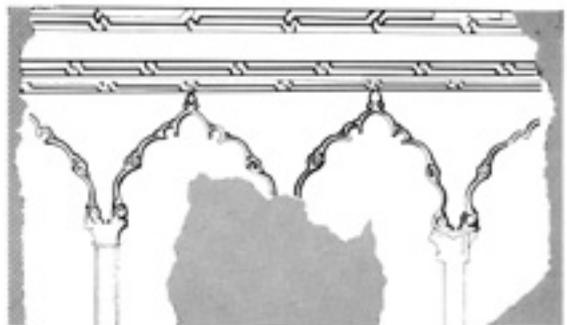
Este elemento orientador da prece muçulmana exhibe ainda uma notável decoração em estuque, apesar de se encontrar bastante mutilada. Hoje sem policromia, esta decoração é constituída por três arcos cegos polilobados rematados por uma cornija. Os arcos repousam sobre capitéis de leitura quase indecifrável que, por sua vez, assentam em colunelos adossados ao centro de cada uma das faces do polígono. O nicho é rematado por uma cimalha moldurada por dois encordoados, com o tema do cordão do infinito que se repete no topo do conjunto. Colunas, arcos e palmetas surgem em relevo sobre o plano do fundo (figs. 7 e 8), em traços gravados na superfície através de finas incisões. O *mihrāb* da mesquita maior de Almeria constitui um importante paralelo para o *mihrāb* de Mértola, pela utilização dos mesmos elementos: o cordão do infinito, os arcos polilobados e os pequenos fustes encimados por capitéis<sup>4</sup>.

Na Mesquita de Mértola, as faces do *mihrāb* e o maciço onde este se insere não são coincidentes,

7 | Mértola, mesquita, interior, *mihrāb*.



8 | Desenho do *mihrāb*, executado por autor desconhecido, s.d.



9 | Proposta de implantação do alminar, 2006.

apesar de ambos terem planta poligonal. Existe um descentramento para a esquerda que levou Christian Ewert<sup>5</sup> a colocar a hipótese de outrora ter existido, à direita do *mihrāb*, um pequeno compartimento onde era guardado o *minbar*. Tal proposta parece perfeitamente justificada se tivermos em conta o registo fotográfico das obras de restauro e, sobretudo, as referências ao (...) *oco da torre do Alcorão* (...) e a um púlpito de madeira móvel que estava colocado junto ao altar-mor<sup>6</sup>. Esse “púlpito mouidiso” era, segundo cremos, o que restava do *minbar*. Uma peça fundamental, hoje desaparecida, no contexto da vida da mesquita.

## O alminar

A reconquista de Mértola veio conferir novas funções ao minarete ou *alminar* da mesquita, sendo convertido em torre do campanário. As vozes dos almuedãos deram lugar ao som dos sinos da igreja.

O *alminar* era ainda visível no tempo em que Duarte de Armas desenhou a matriz de Mértola (1509) e conservou-se até à segunda metade do século XVI. Era uma torre exterior ao edifício, adossada ao muro noroeste e cuja estrutura ao nível da planta, dos alçados e da organização interna nos é desconhecida (fig. 9). Podemos suspeitar que teria um aparelho de alvenaria ou de tijoleira, certamente rebocada e caiada. Duas bandas de arcarias cegas eram ainda visíveis, nos inícios de Quinhentos, no coroamento. Repetiam-se, assim, esquemas decorativos muito comuns em edifícios religiosos almóadas e que encontramos tanto na Giralda de Sevilha, como no *alminar* da mesquita de Hassan, em Rabat, Marrocos.

### Santiago Macias

Historiador

Câmara Municipal de Lisboa

Imagens: 1: DGLAB/Arquivo Nacional da Torre do Tombo; 2, 3, 4, 7 a 9: Campo Arqueológico de Mértola; 5 e 6: DGPC/Sistema de Informação para o Património Arquitetónico.



10 | Igreja Matriz de Mértola.

## A igreja matriz: permanências e ruturas

### De mesquita a igreja

*Igreja que foy mjsqujta* — esta anotação, que Duarte de Armas, escudeiro do rei D. Manuel I, após ao seu desenho da igreja matriz da vila de Mértola, traduz um dos traços dominantes que acompanha o edifício, desde a sua sagração a Santa Maria, logo após a Reconquista, até à atualidade. Com efeito, a memória deste facto perdurou no tempo reforçada pela remanescência de importantes estruturas e lembrada em expressões como “torre do Alcorão” (*mihrāb*), e portas e torre “do tempo dos mouros” que surgem, amiúde, nos processos visitacionais do século XVI. Este passado, tão marcadamente presente, levou, inclusive, a equívocos no século XX, como o do historiador da arte Christian Ewert, e outros depois dele, que julgaram estar perante o

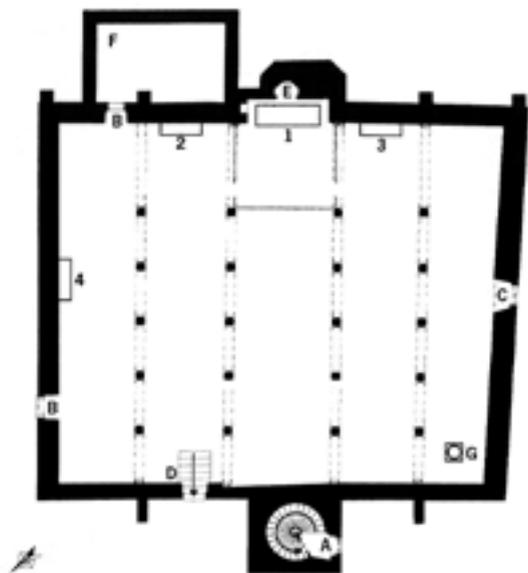
interior inalterado da antiga mesquita<sup>7</sup>. Na verdade, se foi muito o que herdou do templo islâmico, muito foi também o que resultou de intervenções posteriores, com destaque para as que foram realizadas nos anos trinta de Quinhentos, que fizeram dele o espaço notável que ainda hoje se observa. É este percurso, em linhas necessariamente gerais que, partindo do edifício e recorrendo ao que a documentação permite entrever, se pretende aqui revistar (sobre o tema, publicámos vários estudos em parceria com Joaquim Boiça)<sup>8</sup>.

Situado no ponto mais distante do Atlântico até onde o rio Guadiana se deixa navegar, o território acidentado da vila de Mértola ofereceu, desde há milénios, condições naturais e de defesa que propiciaram a fixação humana. Os testemunhos desse tempo, longo e remoto, revelaram uma diversidade e uma monumentalidade civilizacionais ímpares. A plataforma onde se ergue a Igreja Matriz de Mértola (fig. 10) participa desse passado: nela se concentraram e sucederam várias ocupações de carácter religioso como indiciam os trabalhos arqueológicos rea-

11 | Igreja Matriz de Mértola, reconstituição da planta antes da campanha de obras de 1532-1535, segundo a autora. A disposição dos altares é relativa ao ano de 1515:

1. Altar-mor
2. Altar do Espírito Santo
3. Altar de São Cristóvão
4. Altar do Santo Sacramento ("Corpo de Nosso Senhor")

- A. Minarete/campanário
- B. Portas da antiga mesquita
- C. Porta principal
- E. *Mihrāb*
- F. Sacristia
- G. Pia batismal



lizados no exterior<sup>9</sup> e a inserção ea reutilização, no corpo do edifício, de elementos pétreos de diferentes épocas, da Antiguidade ao período islâmico<sup>10</sup>.

No conjunto dos antecedentes, a função de mesquita é a mais bem documentada e os estudos assinados por Cláudio Torres e Santiago Macias permitiram concluir que o templo muçulmano com que os cavaleiros espatários se depararam no ano da conquista, em 1238, dataria do período almóada, do último quartel do século XII<sup>11</sup>.

Na fase inicial, os monges cavaleiros de Santiago terão concentrado os seus esforços na edificação de instalações consentâneas com o estatuto, adquirido em 1239, de sede da ordem, ao mesmo tempo que se empenharam no reforço das estruturas defensivas da vila, em particular do castelo islâmico, transfigurando-o numa imponente fortificação gótica, com uma pujante e altiva torre de menagem finalizada em 1292. Neste contexto, os recém-chegados santiaquistas, tendo à disposição a ampla mesquita construída algumas décadas antes, procederam à sagração do templo a Santa Maria e ao levantamento de altar, substituindo o Crescente pela Cruz sem que promovessem obras de relevo.

Os diversos processos de *Visitação* da Ordem de Santiago, em particular o de 1515, e as perspetivas da vila de Mértola tomadas por Duarte de Armas, em 1509, cruzam-se e formam um manancial informativo que possibilita caracterizar o edifício que se manteve, com escassas modificações, numa longevidade admirável, até inícios dos anos trinta de Quinhentos. Em termos estruturais e volumétricos, a igreja conservava-se muito próxima da antiga mesquita: aproveitava as mesmas paredes-mestras, com a sua configuração quase quadrangular ("imperfeição", ainda hoje, patente no desacerto dos muros sudoeste e noroeste e na ausência de esquadria do ângulo poente) e o seu espaço encontrava-se coberto por um forro de madeira totalmente liso. Organizado em cinco naves e seis tra-



12 | Igreja Matriz de Mértola, reconstituição da planta da igreja após a campanha de obras de 1532-1535, segundo a autora.

São visíveis as cinco naves, os quatro tramos e a abóbada de cruzaria de ogivas. A reconstituição da disposição dos altares é referente ao ano de 1554:

1. Altar-mor
2. Altar do Espírito Santo
3. Altar de Santo António
4. Altar de São Cristóvão
5. Altar do Calvário e Santiago

- 6. Sacristia
- A. Minarete/campanário
- B. Porta da antiga da mesquita
- C. Porta principal – inacabado
- D. Portal lateral
- E. Pia batismal
- F. Sacristia
- G. Pia de água-benta
- H. Coro-alto

mos, obedecia, com probabilidade, à planta em "T", com a nave central e o primeiro tramo mais largos que os restantes (fig. 11). No exterior, a sua silhueta era marcada por cinco telhados de duas águas e pela alta torre do minarete encimada por um campanário (fig. 1). Em finais do século XV, adossada à parede levante da igreja, foi acrescentada uma sacristia, cuja serventia era feita através de uma porta herdada do templo anterior e que ainda hoje subsiste.

Apesar da continuidade do edificado, uma alteração crucial viria a operar-se no seio da dinâmica de ocupação urbana gerada após a Reconquista. A alcáçova, onde, durante séculos a fio, se localizaram o centro cívico e o bairro residencial privilegiado, foi abandonada, tornando-se progressivamente num extenso cemitério cristão. Os novos senhores resguardaram-se no castelo e o agir quotidiano da vila intensificou-se junto ao rio Guadiana, onde o casario se adensou, sob a proteção da cintura de muralhas. Por força da nova realidade, a igreja volta-se à vila — abre-se um portal no alçado sudoeste que assume a condição de "fachada", ato que deixará inoperacionais as três portas islâmicas de acesso ao pátio da mesquita.

A mudança da entrada principal da igreja teve repercussões na organização do seu interior e levou à deslocação do eixo do templo: o altar-mor foi posicionado no quadrante norte, na parede fronteira à nova porta, transversalmente às naves, não cumprindo com a longa tradição das cabeceiras orientadas à cidade santa, Jerusalém, como o termo indica, a oriente (prática que viria a esbater-se após o Concílio de Trento). Foi com esta disposição que os visitadores da Ordem de Santiago a encontraram em 1482, data da primeira *Visitação* conhecida. De imediato, ordenaram o seu posicionamento devido, no sentido nascente: (...) *omde estaua o alcoram que he no meyo das naues (...)* E he pera onde naçe ho ssoll omde per dereito Deue d'estar (...) *Segundo mandamento da jgreja (...)*. A justeza desta determinação foi

acentuada por razões de ordem funcional, como o aumento da visibilidade por parte dos fiéis: (...) *ho pobõo pode daly milhõr ouujr mjssa E Veer deus mjlhõr (...) porque os esteos (...) lhe tolhiam muito a vista (...)*<sup>12</sup>. Com este propósito, exigiram, de igual modo, que os novos altares fossem erguidos sobre dois ou três degraus.

Lançando um breve olhar sobre o universo cultural<sup>13</sup>, em 1482 depreende-se a presença de quatro altares: o altar-mor, acompanhado lateralmente por um altar dedicado ao Espírito Santo e outro a São Cristóvão e, por fim, o do Santo Sacramento, situado na extremidade da nave central, onde se determinara erguer o novo altar-mor, pelo que se estipula que o sacrário fique a resguardo (...) *dentro No oco da torre do alcaram (...)*<sup>14</sup>, ou seja numa reentrância existente no *mihrāb*<sup>15</sup>.

Após a viragem do século, em 1515 (fig. 11), por ocasião de nova *Visitação* da Ordem, a posição dos altares já refletia as diretrizes estabelecidas anteriormente: no prolongamento das naves erguia-se o altar-mor encimado por pinturas murais, (...) *o nascimento de nosso senhor (...)* (aproveitando as arcarias cegas da decoração em estuque do *mihrāb* como moldura compositiva!<sup>16</sup>) e sobre o arco (...) *a saudaçam de nosa senhora (...)*<sup>17</sup>, e mais dois altares de alvenaria, que mantinham a evocação antiga, São Cristóvão e (...) *os apóstolos quamdo o esprito santo veo sobre eles (...)*<sup>18</sup>, para além da presença de uma imagem de Nossa Senhora com (...) *noso senhor no collo (...)*; um quarto altar, na ala norte, era presidido pela imagem de vulto de Cristo na cruz.

Por volta de 1527, todas as mesas de altar foram revestidas a azulejo de aresta<sup>19</sup> e, na nave central, levantou-se um coro-alto, onde se instalou o órgão que o concelho adquirira a suas expensas. Num canto do recinto, postava-se a pia batismal quadrada, em pedra, e na mesma ala persistia uma das portas laterais herdadas do tempo almóada (hoje desaparecida), que simplificava o acesso à torre do campanário.

### A igreja-salão quinhentista

#### A abóbada e o espaço

Na década de trinta do século XVI, o edifício será alvo de uma intervenção profunda que irá transformar a espacialidade e a volumetria herdadas de época almóada, quebrando uma continuidade assinalável de vários séculos. Ainda assim, haverá lugar para extraordinárias permanências, facilitadas pelo gosto do exótico vigente na época.

No ano de 1530, é notória a **intenção do comendador**, D. João Mascarenhas, de beneficiar a igreja de Santa Maria de Mértola, nomeadamente com a execução de novos retábulos<sup>20</sup>. A empresa, porém, não avança de imediato: D. João já teria em mente planos mais ambiciosos que superavam a mera renovação



13 | Igreja Matriz de Mértola, cobertura junto ao altar-mor, pormenor da abóbada em estrela.



14 | Igreja Matriz de Mértola, vista geral do interior; em primeiro plano, coluna com pia de água-benta.



15 | Igreja Matriz de Mértola, interior, motivos enfaixados, antropomórficos e florais da pia de água-benta.

dos altares. Com efeito, em 1532, declara que (...) *já havia dado de empreitada a igreja da dita Vylla pera aver de ser feita d'abobada* (...) <sup>21</sup>.

A campanha de obras arrancou em 1532 e prolongou-se por alguns anos. O projeto, do qual não se conhece a autoria, guiou-se por duas diretrizes fundamentais: enobrecer e unificar o espaço interior sob uma abóbada única e diminuir o número de colunas, mantendo-se as cinco naves, mas reduzindo-se o número de tramos, de seis para quatro, dilatando-se o espaço intercolúneo <sup>22</sup> (fig. 12).

No quadro das abordagens globalizantes e dos recentes estudos das igrejas-salão, em que se estabelecem parâmetros claros de identificação e cronologias cada vez mais seguras, parcas (e esquivas) linhas se têm dispensado à Igreja Matriz de Mértola (1532-1535), remetida globalmente para “caso invulgar”, raramente se assumindo a sua pertença plena a esta categoria, como se a circunstância de enformar uma remodelação lhe retirasse o direito e o mérito. Ao contrário do que possa parecer, não foi herdeira, como por vezes se afirma, de um espaço (...) *por excelência centralizado* (...) <sup>23</sup>. A configuração recebida é quase quadrangular, todavia encontrava-se vincadamente seccionada. Só se alcançou unidade espacial com a nova planimetria e, naturalmente, com a cobertura ao mesmo nível. O perfil ogival da abóbada também não é argumento impeditivo, nem motivo para titubear, pois não faltam casos semelhantes. Impõe-se evidenciar o seu merecido

lugar, como exemplar situado nas franjas terminais do ciclo de construção manuelina (após 1521). É de valorizar, no âmbito das tipologias definidas, o facto de a descarga da abóbada, junto aos muros portantes, se exercer em mísulas (e não em colunas), o que acentua a homogeneidade e a coesão espaciais, como destacou Marco Sousa Santos em relação à Igreja da Luz de Tavira <sup>24</sup>.

Haverá paralelos a considerar, em especial no contexto regional, mas não resistimos a uma incursão para lá desse limite, numa nota significativa. (...) *Está edificada ao modo da Misericórdia de llixboa* (...) foi a constatação do visitador da ordem ao contemplar o recinto remodelado da igreja, no ano de 1554 <sup>25</sup>. Que edifício é esse — convém saber — que o cavaleiro de Santiago compara ao de Mértola? Erigida frente ao Tejo, na proximidade do Terreiro do Paço, a igreja da Misericórdia fora inaugurada em 1534, ano em que a confraria, em procissão solene, se transferiu da Sé <sup>26</sup>. Damião de Góis incluiu-o nos (...) *sete monumentos construídos* [em Lisboa], *por ordem dos nossos reis, com incrível magnificência e sumptuosidade* (...), e acrescenta ter sido edificado (...) *com elegância* (...) <sup>27</sup>. Soçobrou no terramoto de 1755, pelo que já não podemos aferir da justeza do comentário do visitador, mas servirá, porventura, para se intuir qual o grau de impacto sensorial que a igreja de Mértola provocava (sublinhada, na época, por apontamentos de cor e douramento), e no sentido inverso, para se conjecturar da espacialidade do templo perdido <sup>28</sup>.

16 | Igreja Matriz de Mértola, interior, mísula com face em relevo e inscrição IOANE (João), em alusão a D. João Mascarenhas, o comendador que custeou a campanha de renovação da igreja (1532-1535).



17 | Igreja Matriz de Mértola, interior, capitel com o simbólico motivo da romã.



18 | Igreja Matriz de Mértola, interior, capitel com decoração fitomórfica e vieiras nos ângulos, provável alusão iconográfica a Santiago peregrino.



19 | Igreja Matriz de Mértola, interior, zona do altar-mor onde é visível o *mihrāb* e os motivos florais de quatro pétalas do programa decorativo de Quinhentos.

Retomando o programa da intervenção, reaproveitaram-se as paredes que definiam o perímetro do templo, persistindo, inclusive, o desacerto mencionado. No seu interior arrasaram-se os arcos islâmicos que dividiam o recinto e, com esta ação, apearam-se as vinte colunas existentes. Para o lançamento da abóbada de cruzaria simples, toda à mesma altura, o pé-direito é levantado cerca de 1,60 metros e as colunas acrescidas em proporção. Na nova planta, estas cingem-se a doze, pelo que os fustes foram reaproveitados e houve material pétreo de sobejo para perfazer a elevação necessária<sup>29</sup>.

No delinear das naves e dos tramos, seguiu-se o esquema da planta em “T”, inspirado, aparentemente, na solução do templo anterior, dando destaque aos eixos mais simbólicos. O tramo fronteiro ao altar-mor foi distinguido com uma abóbada de nervuras mais elaborada que os restantes, a configurar uma estrela de quatro pontas (fig. 13). O seu fecho recebeu uma chave com o brasão dos Mascarenhas e em duas mísulas talhou-se, em relevo, uma face e gravou-se a inscrição “IOANE” (João) para glória intemporal do mecenas da obra, o capitão dos Ginetes e comendador, D. João Mascarenhas, que alcançara fama em terras além-fronteiras (fig. 16).

#### O programa decorativo e a renovação dos altares

No conjunto de chaves da abóbada e das mísulas, para além de motivos fitomórficos e antropomórficos, descortinam-se símbolos como o Sol, a Lua e uma estrela. Estes, usualmente ligados às ladainhas de Nossa Senhora, adquirem aqui duplo significado e remetem, em níveis sobrepostos, para a iconografia espatária — Santiago, cavaleiro celeste<sup>30</sup>.

No âmbito do programa escultórico, os capitéis das doze colunas que suportam a abóbada são os elementos mais relevantes. Dois deles, datáveis do século IX, de tipo coríntio, que provêm de horizontes exógenos à reforma quinhentista, são oriundos de outra construção e, por certo, já reutilizados na mesquita. Os restantes dez, de qualidade assinalável, enquadram-se na produção mudéjar do Sul, com o cochim circular e achatado, alguns do género dito “de turbante”<sup>31</sup>, ábaco reto e, por exceção, oitavado, comungando uma marcada unidade formal, não obstante a gramática variada, como faixas, encordoados, torcidos, esferas, folhagem, romãs e vieiras (figs. 17 e 18). De destacar, junto à entrada principal, o pilar, cujo capitel é composto por uma faixa entrelaçada com a inscrição “AVE MARIA”, e a pia de água-benta que lhe cinge o fuste, notável peça de recorte lobular, decorada por mascarões e flores (figs. 14 e 15).

Na zona do altar-mor, a intervenção não rompeu a estrutura do antigo *mihrāb* que já vinha sendo utilizada como ousia, desde os finais do século XV. Entaiparam-se com reboco os frescos tardogóticos e a decoração islâmica em estuque, cujos vestígios voltariam à luz do dia no século XX, e preencheu-se a superfície parietal com quadrifólios dourados, num programa decorativo, hoje visível, do qual participava o sacrário, aberto num nicho do lado esquerdo e sobre o qual se podia observar uma pintura com uma cruz e um anjo de cada lado<sup>32</sup>. Por fim, a enquadrar o arco do altar-mor, encastraram-se, a meia altura, dois colonelos com capitéis de motivos enlaçados e a parte superior do arco acolheu um delicado elemento radial, com ecos de uma vieira (fig. 19).

Os altares, como estava previsto, seriam dotados de novos retábulos (...) *de bordo dourados* (...), na

20 | Igreja Matriz de Mértola, cimalha e merlões mudéjares.

maioria com a representação de cenas sacras que retomavam devoções já cristalizadas entre os fiéis: *Anunciação* (altar-mor), *Calvário* e *Santiago a Cavallo Combatendo os Mouros* e *Pentecostes* (estes dois últimos conservaram-se e pertencem ao Museu de Arte Sacra da Porta da Ribeira<sup>33</sup>). O de *Santo António* é a exceção que quebra a continuidade, facilmente entendível se considerarmos a pujança que este culto adquiriu em todo o país<sup>34</sup>. A velha tábua de São Cristóvão retornou ao culto, mas de modo efémero, uma vez que o seu estado degradado obrigou à sua remoção<sup>35</sup> e as figuras pintadas que se perfilavam na parede nordeste — São Miguel, São Bento, São João, “os Cosmos” (São Cosme e São Damião), São Brás, Nossa Senhora, São Roque e São Bartolomeu — terão desaparecido sob caiação pouco depois de 1565. O grande crucifixo de vulto voltou a ocupar lugar de destaque e, próximo da pia batismal, um novo coro-alto substituiu o precedente<sup>36</sup>.

#### Exterior — o edifício e o adro

No exterior, um telhado único de duas águas cobria agora o edifício que se encontrava cintado por possantes contrafortes, à exceção da zona da primitiva sacristia, onde os problemas da exiguidade do espaço e a manutenção da porta que lhe dava acesso foram resolvidos com recurso a um arcobotante. À cimalha do edifício foi acrescentado um cordão cingido a ritmo regular por anéis decorativos, pináculos cónicos e merlões escalonados, conferindo uma fisionomia mudéjar ao conjunto, numa evocação das suas raízes longínquas (fig. 20).

21 | Igreja Matriz de Mértola, portal renascentista.



Na área fronteira à igreja, a topografia desenhava um declive escarpado e o caminho que lhe dava acesso era estreito e difícil, de tal modo que (...) *nos dias que a hy ajuntamento de gente não podem passar uns per outros* (...). Por outro lado, a envolvente frágua destoava da igreja (...) *nobre E abobadada* (...) e esbatia a grandiosidade que se desejava sublimar. Projetou-se, então, uma plataforma artificial sustida por uma (...) *parede grossa com botaréus* (...) que deu origem ao adro ainda hoje existente<sup>37</sup>.

#### O portal renascentista

A reestruturação empreendida previa a edificação de um portal de monumentalidade equiparada à **grandeza** da reforma geral do templo. Em 1535, no interior da igreja, já se encontrava reunida (...) *muyta pedraria* (...) para esse fim, mas o processo não foi linear e a sua construção só se efetivou cerca de duas décadas volvidas, no seio de um arco temporal balizado pelas datas de 1554 e 1565. Vislumbra-se, através de notícias anteriores, que a obra arrancou e estagnou, de seguida, durante anos. Em 1544, os visitantes depararam-se com (...) *o portal da porta princypall começado a fazer de pedraria* (...) e, dez anos volvidos, em 1554, a nova comitiva relata a mesma desolação: (...) *a porta principal* (...) *tem feito de nouo huns allicerçes e sobello chão hum couado de pedraria* (cerca de 70 centímetros) e acrescentam, (...) *Auia-se de mandar acabar* (...) <sup>38</sup>. Fica por saber se o projeto iniciado terá sido reequacionado quando, finalmente, foi materializado.

Seja como for, o portal renascentista da Igreja Matriz de Mértola<sup>39</sup> é um dos elementos mais notáveis da multiplicidade de linguagens que caracteriza o edifício (fig. 21). Harmonioso, de proporções equilibradas, distingue-se pela sua composição erudita e pelo rigor técnico da execução do baixo-relevo que o percorre. De vão retangular, apresenta dupla moldura. A mais

avançada é constituída por dois belíssimos colunelos, que integram animais a abocanhar o fuste, encimados por um pequeno capitel de tipo compósito e a mais recuada, de recorte retangular, é preenchida por querubins, perfis de figuras masculinas com barrete, cabeças de anciãos e de animais, elmos, sabres, arcos e flechas; sobre o entablamento, um fogaréu de cada lado emoldura um óculo.

Este portal revela claras afinidades com o da Igreja Paroquial de Cacela na gramática ornamental de grotescos, como constatou Horta Correia<sup>40</sup>, mas também evidencia laços de parentesco com o da Misericórdia de Castro Marim, com os seus capitéis compósitos e os colunelos em candelabro, parcialmente “revestidos”, como em Mértola, por folhas de acanto. Pese embora uma certa fuga “ao esquema compositivo” de André Pilarte (a que talvez não seja alheia a sua datação tardia, após 1554<sup>41</sup>), as demais características apontam para a paternidade avançada por aquele historiador da arte que coloca o portal de Mértola no raio de influência deste mestre, escultor e arquiteto formado em Lisboa, no estaleiro de Santa Maria de Belém, e que, regressado a Tavira, sua terra natal, irá emergir como figura central e motriz do renascimento regional<sup>42</sup>.

#### A primitiva torre do campanário

Por fim, um olhar sobre o antigo minarete almóada, a torre do campanário (...) *do edifício dos mouros* (...) que, não obstante o seu estado degradado, passou à margem da reforma dos anos trinta de Quinhentos e sobreviveu século dentro. Adossada à parede do quadrante poente da igreja, a torre, de perfil quadrangular, projetava-se bem acima do telhado do templo e exibia, distintamente, os frisos de arcarias decorativas que denunciavam a sua origem, como atesta o desenho de Duarte de Armas, de 1509 (fig. 1).

O destino desta estrutura não é dissociável da longa contenda entre comendador e concelho, quanto à responsabilidade da sua reparação<sup>43</sup>. O diferendo arrastava-se desde 1526, prolongando-se para além de 1565; em paralelo agravava-se o estado da escada de caracol, impeditivo da subida aos sinos, obrigando a que fossem tocados através de longas cordas a partir do exterior, o que dava azo — queixavam-se — a (...) *muitas travessuras* (...) <sup>44</sup>. Perante a crescente deterioração e a insistência dos representantes da ordem para ultrapassarem o impasse, em data incerta optou-se por apear o velho minarete, ação associada à construção de uma nova torre sineira, erigida, na ponta sul, no prolongamento da fachada (fig. 22).

#### Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades<sup>45</sup>

Quando, na primavera de 1565, uma nova comitiva de visitantes se dirige a Mértola, a Igreja de Nossa Senhora de Entre Ambas-as-Águas (assim designada por referência aos rios de Oeiras e Guadiana), cuja



22 | Igreja Matriz de Mértola, torre do campanário construída após o derrube do minarete (que serviu de “torre dos sinos” pelo menos até 1565).

invocação viria a evoluir para a de Nossa Senhora da Anunciação, revelava uma realidade assaz diferente, em particular na distribuição dos altares, talvez por imposição do novo comendador: o altar-mor e os altares colaterais, os três de madeira, estavam dispostos no quadrante norte, contrariando o sentido das naves (e do eixo central mais largo), restando apenas um altar de azulejo, o dedicado a Santo António, para além do crucifixo de vulto, recolhido sob o arco do antigo altar-mor<sup>46</sup>.

A partir de então e até ao século XX, o altar principal fixa-se nesta direção, chegando mesmo a construir-se uma pequena abside a trespassar a parede norte. De resto, o edifício chegou sem modificações significativas à centúria passada; as que ocorreram foram ditas, sobretudo, pela proliferação de altares ao longo do corpo da igreja, decorrente do fenómeno da multiplicidade de invocações marianas e do exponencial aumento do culto aos santos<sup>47</sup>. No exterior, a sacristia foi reconfigurada e a sua fachada avançou e quase alinhou com a frontaria da igreja e do campanário. A intervenção da DGEMN, nos anos de 1949 a 1953, deslocou a sacristia para o alçado nordeste, repôs o eixo primitivo da igreja, despojou-a de grande parte do seu espólio votivo e devolveu-a a um estádio em que as linguagens construtivas almóada e quinhentista detêm a primazia<sup>48</sup>.

**Maria de Fátima Rombouts de Barros**  
Historiadora da Arte

Imagens: 10, 15 a 19, 21 e 22: DGPC/Sistema de Informação para o Património Arquitetónico. Manuel Ribeiro, 2018; 11 a 14 e 20: autora, 2016.

23 | Mértola, alçado do muro da qibla da mesquita.



24 | Igreja Matriz de Mértola, azulejos de aresta provenientes dos altares da igreja, encomendados por volta de 1525.



25 | Igreja Matriz de Mértola, sepultura da Baixa Idade Média, localizada sob a sacristia de finais do século XV.



26 | Igreja Matriz de Mértola, estruturas em opus africanum sob os alicerces da mesquita.

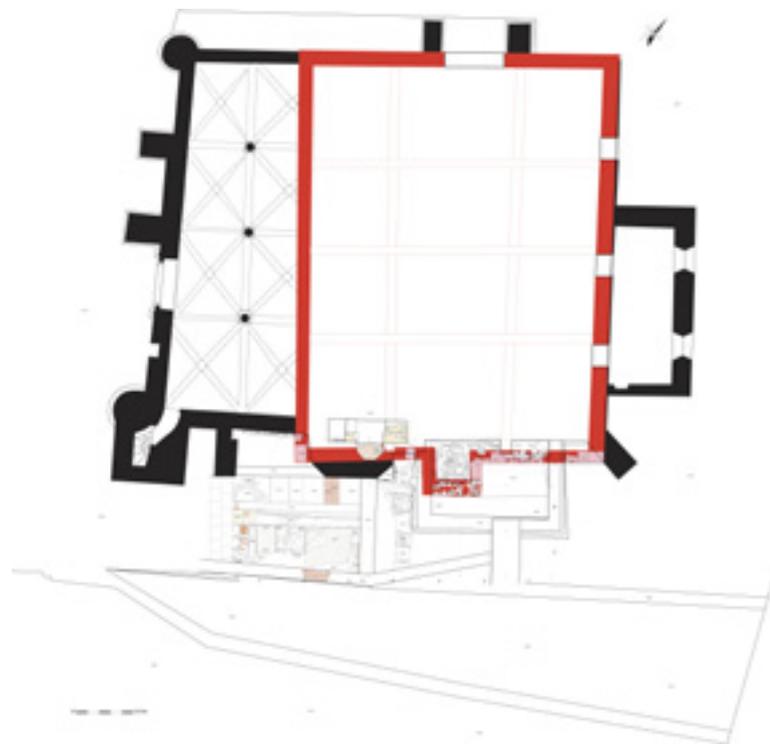
## Vestígios ocultos e esquecidos. A informação arqueológica

Em qualquer monumento, a realidade visível é o resultado de um conjunto de opções tomadas por autoridades e arquitetos que, em diferentes momentos, decidem o que querem transmitir através do edifício. Ocultos no subsolo, ou atrás dos rebocos das paredes, existem realidades anteriores que foram apagadas ou mascaradas. No caso da antiga mesquita/Igreja Matriz de Mértola, o resultado de centenas de anos de vivências num dos principais pontos da cidade traduz-se numa sucessão de soluções que foram sendo tomadas ou abandonadas em função de crenças, programas ideológicos, opções arquitetónicas e necessidades práticas que nem sempre ficaram expostas à luz do dia. A intervenção arqueológica realizada no adro da igreja<sup>49</sup>, no exterior do muro da *qibla* da mesquita, revelou muitas dessas realidades rejeitadas e ocultadas (fig. 23).

Poucos dos que, na atualidade, olham para o exterior do templo se lembram de que, até aos anos quarenta do século XX, era neste espaço que se encontrava a sacristia da igreja. Menos ainda (ou mesmo ninguém) recordarão a existência de uma subcave, que foi preenchida de forma desleixada com os entulhos da própria sacristia durante as obras da DGEMN. A construção, tanto no rés-do-chão como na subcave, estava dividida em dois espaços por um muro que reaproveitava fustes de coluna da própria mesquita. Provavelmente construída em finais do século XVI ou inícios do século XVII, a sacristia sofreu obras de remodelação nos séculos seguintes, em que se reconstruiu a parede a nascente, se entaipou a janela para o Guadiana que se abria na subcave, se construiu um passadiço elevado em alvenaria que comunicava o tabuleiro do adro com a porta aberta na *qibla* da mesquita, e se instalaram rudimentares sistemas de esgoto para uma latrina, entre outras pequenas adaptações necessárias, não apenas para o culto, mas também para aqueles que serviam à igreja.

A sacristia dos períodos moderno e contemporâneo substituiu uma anterior, construída por disposição dos visitantes da Ordem de Santiago em 1482<sup>50</sup>, e que já estaria concluída em 1509, data provável do desenho de Mértola no *Livro das Fortalezas* de Duarte de Armas, no qual a sacristia aparece desenhada. Esta terá sido destruída para dar lugar ao arcobotante que assegura o edifício a nascente, restando apenas algumas lajes do pavimento junto do degrau da porta almóada e os sólidos embasamentos das paredes perimetrais.

Em data próxima à construção do arcobotante, um ossário foi encaixado entre o *mihrāb* e o contraforte, a sul, o que reforçou a estruturas para receber a nova cobertura construída por volta de 1532. As ossadas não apresentavam qualquer conexão anatómica, tratando-se de um amontoado de ossos retirados das



suas sepulturas originais, certamente do interior da igreja. Parece ter sido preenchido num curto intervalo de tempo, dada a homogeneidade estratigráfica e dos materiais cerâmicos encontrados, entre os quais se destacam vários fragmentos de azulejos policromos (fig. 24) que devem ter pertencido ao revestimento dos altares da igreja instalado por volta de 1527<sup>51</sup> e, possivelmente, arrancados ao longo da segunda metade do século XVI.

Antes destas transformações de finais do século XV e do século XVI, todo o espaço envolvente da igreja era ocupado pela necrópole da Baixa Idade Média, acomodada entre muros de pedra e barro que consolidavam o declive do terreno formando estreitos patamares. Nesta área, o cemitério apresentava uma densa ocupação do terreno e uma organização estruturada em eixos paralelos, destinada a aproveitar ao máximo o espaço disponível. Provavelmente é esse o motivo da orientação pouco “ortodoxa”, com a cabeceira a sul, dos enterramentos, que eram dispostos ao longo dos patamares, acompanhando as curvas de nível do terreno. As sepulturas consistiam em simples fossas escavadas na terra, embora tivessem marcada a cabeceira com elementos isolados (por exemplo, um fuste de coluna, ver fig. 25) ou com estruturas mais complexas construídas com tijolos e lajes de xisto. A intensa utilização do espaço levou, em alguns casos, à reutilização de sepulturas, com mais de um indivíduo na mesma fossa e, noutros casos, a destruição parcial de uma sepultura por outra posterior. Os corpos eram depositados em decúbito dorsal, sem espólio significativo. Os dados estratigráficos e os materiais associados disponíveis apenas permitem datar a necrópole, de forma imprecisa, entre o momento da conquista cristã de Mértola, em 1238, e a ordem de construção da sacristia, em 1482.

27 | Igreja Matriz de Mértola, planta reconstituída do edifício subjacente à mesquita, segundo Virgílio Lopes.

Algumas das sepulturas encostavam diretamente aos embasamentos da mesquita e em estruturas anteriores a esta. O *mihrāb* assentava numa estrutura de notável monumentalidade, construída com grandes silhares de granito formando uma planta quadrada, bem diferente da pentagonal do *mihrāb* da mesquita almóada, com uma elevação em relação à base de circulação em época medieval de aproximadamente 2 metros. As sepulturas da Baixa Idade Média alteraram a estratigrafia na base do *mihrāb*, motivo pelo qual não dispomos de referências claras quanto à datação deste monumental aparelho construtivo. No entanto, pensamos que corresponderia a um momento anterior à própria mesquita, provavelmente do período califal ou taifa, dado que estes alicerces assentam, por sua vez, sobre estruturas ainda mais antigas.

Debaixo das paredes da mesquita e dos enterramentos medievais, encontramos um conjunto de grandes muros de sólida alvenaria bem aparelhada, reforçada regularmente com fiadas verticais e cunhais constituídos por silhares de granito (fig. 26). Esta técnica construtiva, designada como *opus africanum*, aparece na Península Ibérica por volta do século VI associada a basílicas paleocristãs de matriz norte-africana. No entanto, as escavações realizadas na área arqueológica de Morería, em Mérida, constataram, inequivocamente, a continuidade da sua utilização no século IX<sup>52</sup>.

Este conjunto construtivo tem uma cronologia anterior à da mesquita, visto servir de assentamento da *qibla*, embora com um comprimento menor, e uma orientação sensivelmente semelhante à do templo muçulmano, diferente do vizinho complexo religioso da Antiguidade Tardia que ainda estaria em pé e, seguramente, em uso em época emiral<sup>53</sup>. A planta do edifício subjacente à mesquita define-se com dificuldade sob as estruturas posteriores, embora seja claramente visível um elemento retangular que se destaca de um grande muro subjacente à *qibla* e que podemos interpretar tanto como uma absida para o altar de um templo cristão, como um pequeno *mihrāb* (fig. 27). Surgem, então, duas hipóteses de interpretação deste edifício: na primeira, seria uma primitiva igreja paleocristã que, eventualmente, teria sido adaptada a mesquita até à sua substituição por uma construção concebida especificamente como templo muçulmano; na segunda, seria uma mesquita e dataria de época emiral, depois substituída, primeiro pelo templo califal/taifa e, mais tarde, pela mesquita almóada da segunda metade do século XII.

Susana Gómez Martínez

Arqueóloga  
Campo Arqueológico de Mértola/  
Centro de Estudos em Arqueologia  
Artes e Ciências do Património  
Universidade do Algarve  
Imagens: 23 e 27: Campo Arqueológico  
de Mértola; 24 a 26: autora.

#### N O T A S

- Maria de Fátima Rombouts de BARROS; Joaquim Manuel Ferreira BOIÇA; Celeste GABRIEL — *As Comendas de Mértola e Alcaria...*, p. 68.
- Christian EWERT — “La herencia artística de la España Islámica en el Norte de África”. *Al-Andalus*, 1992, p. 88.
- Christian EWERT — “La mezquita de Mértola”. *Cuadernos de la Alhambra*, 1973, n.º 9, pp. 28-29.
- Christian EWERT — “El mihrab de la mezquita mayor de Almería”. *Al-Andalus...*, 1971, vol. XXXVI, fasc. 2, pp. 391-460.
- Christian EWERT — “La mezquita de Mértola”. *Cuadernos de la Alhambra*, 1973, n.º 9, p. 27.
- Joaquim Manuel Ferreira BOIÇA; Maria de Fátima Rombouts de BARROS — “A Igreja Matriz de Mértola”. *Mesquita — Igreja de Mértola*, pp. 33-86.
- Christian EWERT — *La mezquita de Mértola...* Esta abordagem e outras mais são anteriores à publicação das fontes (1996) e dos estudos (1999, 2002 e por diante) em que demonstrámos que o espaço interior do edifício foi reestruturado antes de receber a abóbada em 1532-1535; existem, contudo, trabalhos recentes que continuam a partir do mesmo pressuposto incorrecto.
- A Igreja Matriz de Mértola foi tema de vários estudos, em parceria, com Joaquim BOIÇA, a saber, em 2002, “A Igreja Matriz de Mértola”. *Mértola Mesquita/Igreja Matriz*, pp. 34-93 e, em 2011, “A Igreja Matriz de Mértola”. *Mesquita Igreja de Mértola*, pp. 32-87.
- Ver, neste mesmo artigo, o texto que se segue, de Susana GÓMEZ MARTÍNEZ e, da mesma autora, “Intervenção Arqueológica na Mesquita — Igreja Matriz de Mértola”. *Mesquita Igreja de Mértola*, pp. 88-104.
- Cf. Santiago MACIAS; Cláudio TORRES — “A Mesquita de Mértola”. *Mértola Mesquita/Igreja Matriz...*, pp. 8-33 e, dos mesmos autores, “A Mesquita de Mértola”, *Mesquita Igreja de Mértola...*, pp. 8-31.
- Cf. Santiago MACIAS; Cláudio TORRES — “A Mesquita de Mértola”. *Mértola Mesquita/Igreja Matriz...*, pp. 11-17 e Santiago MACIAS; Cláudio TORRES — “A Mesquita de Mértola”. *Mesquita Igreja de Mértola...*, pp. 9-15.
- Maria de Fátima Rombouts de BARROS; Joaquim Manuel Ferreira BOIÇA; Celeste GABRIEL — *As Comendas de Mértola...*, pp. 40 e 41.
- Idem, ibidem*, p. 43.
- No contexto votivo, é de assinalar o enrolamento de um (...) *pano grande d’armar, Novo, de figuras* (...) oferecido pelo comendador D. Fernão Martins Mascarenhas (patriarca) e um frontal (...) *bom* (...) da Flandres representando, ao centro, Nossa Senhora do Pranto e, nas extremidades, São Sebastião e Santo Antão. Maria de Fátima Rombouts de BARROS; Joaquim Manuel Ferreira BOIÇA; Celeste GABRIEL — *As Comendas de Mértola...*, pp. 40 e 41.
- Idem, ibidem*, p. 43.
- Ver, neste mesmo artigo, o texto prévio, de Santiago MACIAS.
- Este facto é verdadeiramente inesperado e digno de interesse sociológico — não só a decoração islâmica do *mihrāb* foi integrada na composição da pintura mural, como se manteve visível até às obras dos anos trinta de Quinhentos, altura em que terá sido entaipada, assim permanecendo até à intervenção da DGE MN, em meados do século XX.
- Com base nos vestígios remanescentes e nos registos fotográficos efetuados durante a intervenção da DGE MN (1949-1953 do século XX), Luís Afonso situa esta campanha pictórica em finais de Quatrocentos. Cf. Luís AFONSO — *A Pintura Mural...*, p. 477.
- Ainda que não haja certezas, a expressão “por retábulo” utilizada pelo escritor da *Visitação* remete para um retábulo fingido, ou seja uma pintura mural; só mais tarde, o tema do *Pentecostes* seria representado num retábulo.
- Foram encontrados fragmentos destes azulejos durante a intervenção da DGE MN e nas recentes escavações empreendidas, na zona da antiga sacristia. Ver neste mesmo artigo, o texto que se segue, da autoria de Susana GÓMEZ MARTÍNEZ.
- Maria de Fátima Rombouts de BARROS; Joaquim Manuel Ferreira BOIÇA; Celeste GABRIEL — *As Comendas de Mértola...*, p. 241.
- Idem, ibidem*, p. 252.
- O facto de ocorrer esta redução de tramos não significa que a igreja tenha diminuído de área, como com frequência se tem interpretado; como se tem realçado, as paredes-mestras permaneceram e só a disposição interior mudou, verificando-se uma diminuição do número de colunas e simultaneamente um aumento do espaço intercolúnio.
- João José Alves DIAS — “Os valores artísticos”. In João José Alves DIAS (coord.) — *Portugal. Do Renascimento à Crise Dinástica*. Joel SERRÃO e A. H. de Oliveira MARQUES (dir.) — *Nova História de Portugal*, vol. V, p. 529.
- Marco Sousa SANTOS — *A Igreja Matriz da Luz de Tavira...* Regozijamo-nos com o facto de este autor, em tese de doutoramento que prepara sobre igrejas-salão, dedicar uma atenção especial ao caso de Mértola.
- Maria de Fátima Rombouts BARROS; Joaquim Manuel Ferreira BOIÇA; Celeste GABRIEL — *As Comendas de Mértola...*, pp. 316 e 317.
- Joaquim Veríssimo SERRÃO — “Nos 5 séculos da Misericórdia de Lisboa: um percurso na História”. *Oceanos...*, 1998, n.º 35, pp. 12 e 15 e Paulo PEREIRA — “As grandes edificações (1450-1530)”. In Paulo PEREIRA (dir.) — *História da Arte Portuguesa...*, vol. II, pp. 79-80.
- Damião de GÓIS — *Urbis Olisiponis Descriptio*, 1554, cit. por Joaquim Oliveira CAETANO — “Sob o manto protector. Para uma iconografia da Virgem da Misericórdia”. In Nuno Vassallo e SILVA (coord.) — *Mater Misericordiae...*, p. 17.
- Não deixa de ser significativo e um dado a ter em consideração, a possibilidade de André Pilarte ter trabalhado na Igreja da Misericórdia de Lisboa. Cf. Rafael MOREIRA — “Arquitectura: Renascimento e classicismo”. In Paulo PEREIRA (dir.) — *História da Arte Portuguesa...*, vol. II, p. 334.

- <sup>29</sup> Daqui resulta que os fustes não sejam monolíticos, como já havia observado Reinaldo dos SANTOS — *Oito Séculos de Arte Portuguesa...*, vol. II, p. 168.
- <sup>30</sup> Veja-se, a exemplo, o relevo que representa Santiago cavalcando nos céus, da Igreja Matriz de Évora de Alcobaca. Cf. texto de Fernando António Baptista PEREIRA em AA.VV. — *A Ordem de Santiago...*, p. 139. e também o selo da ordem impresso na *Regra Statutos & Definições da Ordem de Santiago*, 1509.
- <sup>31</sup> Florentino PÉREZ EMBID — *El mudéjarismo en la arquitectura portuguesa...*, p. 144.
- <sup>32</sup> Maria de Fátima Rombouts BARROS; Joaquim Manuel Ferreira BOIÇA; Celeste GABRIEL — *As Comendas de Mértola...*, p. 259.
- <sup>33</sup> Uma abordagem histórica e artística ao edifício do museu, antiga ermida de Santiago da Porta da Ribeira e depois Misericórdia, ao acervo de ourivesaria, pintura e imaginária, foi lançada por ocasião da sua inauguração em 2001: Joaquim BOIÇA (coord.) — *Museu de Mértola- Porta da Ribeira Arte Sacra...*
- <sup>34</sup> Ver, nesta mesma edição, o artigo “Pintura quinhentista em Mértola e seu entorno”, de Vitor Serrão, pp. 76-91. Este historiador da arte, com base na análise das tábuas que se conservaram e em novos dados, apresenta um estudo aprofundado dos retábulos da matriz, ao mesmo tempo que afina a cronologia da sua execução.
- <sup>35</sup> A pintura de São Cristóvão, eventualmente, terá sido deslocada para a sacristia, uma vez que se referencia a presença de um retábulo nesta dependência, em 1565. Maria de Fátima Rombouts de BARROS; Joaquim Manuel Ferreira BOIÇA; Celeste GABRIEL — *As Comendas de Mértola...*, p. 409.
- <sup>36</sup> *Idem, ibidem*, pp. 259, 317, 318, 350 e 351.
- <sup>37</sup> *Idem, ibidem*, pp. 299 e 300.
- <sup>38</sup> *Idem, ibidem*, pp. 260 e 317. DGLAB/ANTT, Ordem de Santiago, *Visitação de Mértola*, 1544, cód. 190, fl. 52 v.
- <sup>39</sup> Em 1565, o visitador descreve o portal do seguinte modo: (...) *a porta principal he de pedraria d’obra Romana bem lavrada, em cima dela estaa hum espelho radomdo grande de pedraria sem vidraças* (...). Maria de Fátima Rombouts BARROS; Joaquim Manuel Ferreira BOIÇA; Celeste GABRIEL — *As Comendas de Mértola...*, p. 350.
- <sup>40</sup> José Eduardo Horta CORREIA — *A Arquitectura Religiosa do Algarve...*, p. 66.
- <sup>41</sup> Horta Correia só tinha conhecimento da *Visitação* de 1535, pelo que atribuiu o portal a uma data próxima, mas, como tentámos demonstrar, este só foi erigido após 1554.
- <sup>42</sup> Para a atividade de André Pilarte, são incontornáveis os trabalhos de Horta CORREIA, defensor da importância daquela personagem na criação de (...) *uma escola regional de arquitectura quinhentista* (...). José Eduardo Horta CORREIA — “André Pilarte no centro de uma escola regional de arquitectura quinhentista”. *IV Simpósio Luso-Espanhol de História da Arte...*, pp. 387-398.
- <sup>43</sup> O comendador alegava, a seu favor, que o concelho tinha a seu cargo a aquisição e a manutenção dos sinos e por extensão da torre do campanário; o concelho, por sua vez, entendia que essa obrigação cabia ao comendador, uma vez que este detinha a responsabilidade das obras de conservação da igreja e a torre estava “apegada” ao edifício.
- <sup>44</sup> ANTT, Ordem de Santiago, cód. 190, *Visitação de Mértola*, 1544, fl. 52 v. (documento inédito). Maria de Fátima Rombouts de BARROS; Joaquim Manuel Ferreira BOIÇA; Celeste GABRIEL — *As Comendas de Mértola...*, pp. 317 e 356.
- <sup>45</sup> Luís Vaz de CAMÕES — *Rimas...*, 1595.
- <sup>46</sup> Maria de Fátima Rombouts de BARROS; Joaquim Manuel Ferreira BOIÇA; Celeste GABRIEL — *As Comendas de Mértola...*, pp. 350 e 351.
- <sup>47</sup> Sobre o universo cultural e a imaginária religiosa, cf. Joaquim Manuel Ferreira BOIÇA — *A Imaginária de Mértola...*
- <sup>48</sup> Para a Igreja Matriz de Mértola, a caracterização do período que medeia a segunda metade do século XVI e a atualidade foi traçada no estudo de Joaquim Manuel Ferreira BOIÇA; Maria de Fátima Rombouts de BARROS — “A Igreja Matriz de Mértola”. *Mértola Mesquita/Igreja Matriz...*, 2002, pp. 34-93.
- <sup>49</sup> Susana GÓMEZ MARTÍNEZ — “Intervenção arqueológica na Mesquita - Igreja Matriz de Mértola”. *Mesquita - Igreja de Mértola...*, pp. 91-106.
- <sup>50</sup> Fátima BARROS; Joaquim BOIÇA; Celeste GABRIEL — *As Comendas de Mértola...*, p. 43.
- <sup>51</sup> Joaquim BOIÇA; Fátima BARROS — “A Igreja Matriz de Mértola”. *Mesquita - Igreja de Mértola...*, pp. 41 e segs.
- <sup>52</sup> Miguel ALBA CALZADO — “Los edificios emirales de Morería (Mérida): una muestra de arquitectura del poder”. *Anales de arqueología cordobesa...*, p. 402.
- <sup>53</sup> Virgílio LOPES — *Mértola e o seu Território na Antiguidade Tardia...*, pp. 313.
- B I B L I O G R A F I A**
- AA.VV. — *A Ordem de Santiago. História e Arte*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 1990, catálogo da exposição *O Castelo e a Ordem de Santiago na História de Palmela*.
- AFONSO, Luís — *A Pintura Mural Portuguesa entre o Gótico Internacional e o Fim do Renascimento. Formas, Significados, Funções*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.
- ALBA CALZADO, Miguel — “Los edificios emirales de Morería (Mérida): una muestra de arquitectura del poder”. *Anales de arqueología cordobesa*. Córdoba: Área de Arqueología de la Universidad de Córdoba, 2009, n.º 20, pp. 379-420.
- BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira; GABRIEL, Celeste — *As Comendas de Mértola e Alcaria Ruiva. As Visitações e os Tombos da Ordem de Santiago (1482-1607)*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola (CAM), 1996.
- BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira — *Imaginária de Mértola. Tempos, Espaços, Representações*. Mértola: CAM, 1998.
- BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira (coord.) — *Museu de Mértola - Porta da Ribeira Arte Sacra*. Mértola: CAM, 2001.
- BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira; BARROS, Maria de Fátima Rombouts de — “A Igreja Matriz de Mértola”. *Mesquita Igreja de Mértola*. Mértola: CAM, 2011.
- BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira; BARROS, Maria de Fátima Rombouts de — “A Igreja Matriz de Mértola”. *Mértola Mesquita/Igreja Matriz*. Mértola: CAM, 2002.
- BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira; BARROS, Maria de Fátima Rombouts de — “A mesquita igreja de Mértola”. In FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) — *Ordens Militares: Guerra, Religião, Poder e Cultura. Atas do III Encontro sobre Ordens Militares*. Lisboa: Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela, 1999, vol. 2, pp. 341-364.
- BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira; BARROS, Maria de Fátima Rombouts de — *As Terras, as Serras e os Rios - As Memórias Paroquiais de 1758 do Concelho de Mértola*. Mértola: CAM, 2002.
- BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira; BARROS, Maria de Fátima Rombouts de — *O Castelo de Mértola. História, Espaço e Formas, sécs. XIII - XXI*. Mértola: CAM, 2013.
- BOLETIM da Direção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais. *Igreja Matriz de Mértola*. Lisboa: Ministério das Obras Públicas; Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1953 n.º 71.
- CHICÓ, Mário Tavares — *A Arquitectura Gótica em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 1981.
- CORREIA, José Eduardo Horta — *A Arquitectura Portuguesa. Renascimento, Maneirismo, Estilo Chão*. Lisboa: Editorial Presença, 1991.
- CORREIA, José Eduardo Horta — *A Arquitectura Religiosa do Algarve de 1520 a 1600*. Lisboa: Publicações Ciência e Vida, Lda., 1987.
- CORREIA, José Eduardo Horta — “André Pilarte no centro de uma escola regional de arquitectura quinhentista”. *IV Simpósio Luso-Espanhol de História da Arte, Portugal e Espanha entre a Europa e Além-Mar*. Coimbra: Instituto de História da Arte da Universidade de Coimbra, 1988.
- DGLAB/ANTT, Ordem de Santiago, *Visitação de Mértola*, 1544, cód. 190, fl. 52 v. (documento inédito).
- DIAS, João José Alves — “Os valores artísticos”. In SERRÃO, Joel; MARQUES, A. H. de Oliveira (dir.) — *Nova História de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1998, vol. V (*Portugal. Do Renascimento à Crise Dinástica*), p. 529.
- DIAS, Pedro — “Arquitectura mudéjar portuguesa: tentativa de sistematização”. *Mare Liberum*, 1994, n.º 8, pp. 49-89.
- EWERT, Christian — “El mihrab de la mezquita mayor de Almería”. *Al-Andalus: revista de las Escuelas de Estudios Árabes de Madrid y Granada*. Madrid-Granada: Instituto Miguel Asín, 1971, vol. XXXVI, fasc. 2, pp. 391-460.
- EWERT, Christian — “La herencia artística de la España Islámica en el Norte de África”. *Al-Andalus - las artes islámicas en España*. Madrid: Ediciones El Viso, 1992, pp. 85-95.
- EWERT, Christian — “La mezquita de Mértola”. *Cuadernos de la Alhambra*. Granada, 1973, n.º 9.
- GÓIS, Damião de — *Urbis Olisiponis Descriptio*, 1554, cit. por CAETANO, Joaquim Oliveira — “Sob o manto protector. Para uma iconografia da Virgem da Misericórdia”. In Nuno Vassallo e SILVA (coord.) — *Mater Misericordiae*. Lisboa: Museu de São Roque/Livros Horizonte, 1995, p. 17.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana — “Intervenção arqueológica na Mesquita - Igreja Matriz de Mértola”. *Mesquita - Igreja de Mértola*. Mértola: CAM, 2011, pp. 89-104.
- KUBLER, George — *A Arquitectura Portuguesa Chã: Entre as Especiarias e os Diamantes, 1521-1706*. Lisboa: Vega, D.L. 1988.
- LOPES, Virgílio — *Mértola e o seu Território na Antiguidade Tardia (Séculos IV-VIII)*. Tese de doutoramento. Huelva: Universidad de Huelva, 2014. (disponível em <http://hdl.handle.net/10272/8053>).
- MACIAS, Santiago; TORRES, Cláudio — “A Mesquita de Mértola”. *Mértola Mesquita/Igreja Matriz*. Mértola: CAM, 2002, pp.8-33.
- MACIAS, Santiago; TORRES, Cláudio — “A Mesquita de Mértola”. *Mesquita Igreja de Mértola*. Mértola: CAM, 2011, pp.8-31.
- PEREIRA, Paulo (dir.) — *História da Arte Portuguesa. Do 'Modo' Gótico ao Maneirismo*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995, vol. II.
- PÉREZ EMBID, Florentino — *El mudéjarismo en la arquitectura portuguesa de la época manuelina*. Sevilla: Laboratorio de Arte de la Universidad de Sevilla, 1944.
- SANTOS, Marco Sousa; CORREIA, José Eduardo Horta (orient. cient.); MALCHER, Renata (orient. cient.) — *A Igreja Matriz da Luz de Tavira*. Faro: s.n., 2011. Dissertação de mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve, texto policopiado. Consultável em: <http://hdl.handle.net/10400.1/3270>
- SANTOS, Reinaldo dos — *O Estilo Manuelino*. Lisboa: impr. Bertrand irmãos, 1952.
- SANTOS, Reinaldo dos — *Oito Séculos de Arte Portuguesa*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, s.d., vol. II.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo — “Nos 5 séculos da Misericórdia de Lisboa: um percurso na História”. *Oceanos*. Lisboa: Comissão Nacional para os Descobrimentos Portugueses, 1998, n.º 35, pp. 8-22.
- SERRÃO, Vitor — “O contexto artístico de Tavira quinhentista”. *Tavira. Território e Poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia; Câmara Municipal de Tavira, 2003, pp. 221-233, catálogo da exposição.
- SERRÃO, Vitor — *História da Arte em Portugal. O Renascimento e o Maneirismo (1500-1620)*. Lisboa: Editorial Presença, 2001, vol. 3.
- SILVA, José Custódio Vieira da — *O Tardo-Gótico em Portugal. A Arquitectura no Alentejo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1989.